

Mocidade Cristã

Ano XVI

Outubro a Dezembro de 1954

Número 65

Ela fêz a que podia

A Finlândia fica próxima à Rússia, à beira do Mar Báltico que separa o país da Suécia. Durante alguns séculos foi governada pelos suecos, mas finalmente caiu em poder da Rússia no princípio do século XIX. O Imperador Alexandre I era homem cristão e concedeu à Finlândia mais liberdade e independência. O povo era muito mais adiantado e mais educado do que os russos, pois o país era protestante, tendo aceitado a Reforma no século XVI, segundo a forma luterana. O último imperador (ou Czar) da Rússia fêz tentativas no século XIX para restringir a liberdade que o povo gozava e oprimir os finlandeses. Depois da primeira guerra o país obteve independência e tornou-se república.

Uma província da Finlândia chama-se Vasa, e o governador escolhido pelo Imperador no fim do século XIX era o Barão Wrede. Uma filha d'este chamava-se Matilde. Foi educada na cultura da Suécia, bem instruída, especialmente em música. Uma tarde, em vez de assistir a uma função social, aceitou o convite para ouvir um pregador do Evangelho. Este pregou sobre João 3:16. Matilde converteu-se. A família sentiu-se um pouco embaraçada com a filha que não se interessava mais pelos prazeres da sociedade. Um prisioneiro veio à sua casa para consertar uma fechadura, e Matilde aproveitou a oportunidade para falar-lhe do Evangelho e da bênção que ela recebera por meio d'ele. O prisioneiro disse-lhe: «Oh! a senhora deve vir e contar isto a nós prisioneiros! Pre-

cisamos muito disto.» Ela prometeu ir. Foi, e repetiu as visitas. Reconheceu que era o serviço da sua vida. Sentiu que recebia a direção do Senhor. Uma vez, antes disto, tratara de visitar um prisioneiro, porque já manifestava interesse nessa classe de homens, quando vieram para trabalhar na casa do pai. Nesta ocasião adiou a visita, a fim de assistir a uma função social. Mas sonhou, uma noite, que um prisioneiro entrava no seu quarto com ferros nos pés e nas mãos e parou em frente dela com olhos tristes. Ela ouviu suas palavras claramente: «Milhares de pobres prisioneiros, acorrentados, gemem por vida, liberdade e paz; fala com êles a Palavra d'Aquele que pode libertá-los, enquanto há tempo.» E a visão desapareceu. Ela ficou muito perturbada, pensando na sua mocidade; era fraca de saúde. O trabalho era pesado e exigia esforço. Abriu sua Bíblia e leu as primeiras palavras de Jeremias 1:16: «Ah, Senhor Jeová, eis que não sei falar; porque sou uma criança. Mas o Senhor me disse: Não digas: eu sou uma criança, porque aonde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar, dirás.» Ela orou por mais confirmação e reparou nas palavras de Ezequiel 3:11, «Vai aos cativeiros, aos filhos de teu povo e lhes falarás».

Pouco tempo depois, visitando Helsinque, a capital, viu na rua um grupo de prisioneiros acorrentados e resolveu visitar a prisão. Foi ao chefe da administração das prisões e pediu-lhe licença para visitar toda e qualquer prisão na Finlândia. Apresentou-se como a filha do Governa-

dor da Finlândia. O diretor perguntou-lhe sua idade. «Tenho vinte anos», respondeu. «Não é idade muito avançada», ele disse, e ela respondeu: «É um defeito que o tempo há de corrigir». Recebeu a licença com a observação que não seria usado por muito tempo e que ela era capaz de apreciar mais um salão de baile do que o interior das prisões.

Começou numa prisão que continha quatrocentos encarcerados condenados à prisão perpétua. Pregou ali numa Sexta-feira Santa. Quando terminou a pregação os prisioneiros choravam. Dia após dia visitava as celas, pregando, conversando, escrevendo por eles, animando-os e simpatizando com eles. Os mais desesperados e bestializados acalmavam-se na presença dela. Numa prisão havia um homem de estatura gigantesca e de natureza tão feroz que os guardas tinham medo dele. Matilde pediu licença para visitá-lo. Quando explicaram que não convinha, porque era homem perigoso, ela insistiu em entrar na cela sózinha e disse que fechassem a porta. O prisioneiro, muito admirado por ver uma mulher pequena a entrar sózinha, perguntou-lhe quem era ela. Ela disse que era a baronesa Wrede, filha do Governador da Finlândia. O prisioneiro exclamou que era muito pequena para ser filha dum homem tão grande. Ela respondeu que todos não podiam ser grande como ele, o prisioneiro. Pregou-lhe o Evangelho, e ele escutou com respeito e atenção.

As vezes ela interpretava para Dr. Baedeker, que visitava as prisões da Rússia durante 15 anos, desde a Finlândia até à extremidade da Sibéria, pregando o Evangelho e distribuindo a Palavra de Deus. Uma vez, durante a reunião em que Matilde Wrede interpretava, o Dr. Baedeker reparou nas lágrimas nos olhos dos prisionei-

ros. Depois perguntou a um amigo porque houve lágrimas nos olhos destes homens, pois uma vez que ele pregara a mesma mensagem em outra cadeia, todos a escutaram com indiferença. O amigo explicou que o professor que interpretava na primeira ocasião falava com frieza; em vez de dizer «amigos», ele disse «prisioneiros» ao seu auditório.

Nossa heroína também se interessava pelo bem-estar dos prisioneiros, depois de servir na prisão; visitava-os nas casas, procurava arranjar-lhes emprêgo. O governo da Rússia, neste tempo, seguia uma política de repressão e opressão na Finlândia. Despachava multidões de prisioneiros para trabalhos forçados nas minas da Sibéria. D. Matilde estava sempre perto para despedi-los e consolá-los antes de sair para passar o resto dos dias na Sibéria. Um exclamou, ao sair: «Adeus, tu, filha mais querida da nossa Pátria, tu sómente és a amiga dos prisioneiros».

Durante suas férias costumava passar umas semanas com sua amiga íntima, a Princesa Lieven, em seu castelo. Depois voltava à pequena pensão, numa baixa rua da cidade, alugada juntamente com uma amiga, a chefe do Exército de Salvação na Finlândia. Nesta casa ela morava, comendo a mesma comida que os prisioneiros na prisão. Eles sabiam deste fato. Durante o dia visitava as prisões e à tarde franqueava a sua casa aos pobres; os velhos convictos vinham consultar-se com ela. Quando a revolução rebentou, no ano de 1917, tanto os «Vermelhos» como os «Brancos» visitaram sua casa, pois ela era amiga de ambos. Guardava duas flores num vaso, uma branca e uma vermelha, como símbolos de amizade aos dois partidos. Dois comunistas vieram demandar-lhe o dinheiro. Ela respondeu que todo o

dinheiro dela era para os doentes. Eles responderam: «Estamos com fome». Ela convidou-os para participar com ela do almôço. Tinha sómente uma fatia de pão e um pouco de couve. Eles riram-se, dizendo: «Deve ser D. Matilde Wrede». Ela respondeu: «Sim, sou Matilde Wrede e, como se vê, o almôço não basta para todos, mas se os senhores voltarem para a ceia, haverá bastante; e poderemos considerar como homens tão capazes e industriosos como vós, podem ganhar seu próprio alimento». Foram-se embora, agradecendo-lhe com muito respeito.

As últimas palavras de Matilde Wrede, no dia da sua morte, foram: «Esta noite eu vou atravessar a fronteira. Pode alguém ser tão feliz como eu!»

A Simplicidade do Evangelho

As vastas multidões que assistiram à pregação do evangelista americano, Sr. Billy Graham, durante sua campanha em Londres, foram motivo de admiração para o povo inglês. Na Inglaterra, durante os anos passados, a Bíblia tem sido um livro quase fechado ou esquecido, as igrejas pouco freqüentadas, e o Evangelho um assunto de indiferença para a vasta maioria do povo. E' o resultado do ensino que a Bíblia, outrora considerada a Palavra de Deus, contém fábulas e êrros, e que o Deus do Velho Testamento, Jeová (Yava) era um deus imaginário, cruel e ciumento. Felizmente êste não é o quadro todo. Há evangélicos dedicados, sãos na fé, e crentes na Palavra de Deus de capa a capa. Na Inglaterra há missões evangélicas para evangelizar crianças, polícia, soldados, marinhei-

ros, pescadores e operários das estradas de ferro. Há também milhares de missionários que trabalham em quase todos os países do mundo. Mas é calculado que apenas 7% ou 8% da população do país vão às igrejas nos domingos. Os outros são como pagãos batizados. Tem o Evangelho perdido seu poder? Um jovem pregador da America do Norte visita o país e prega o Evangelho durante 12 semanas em Londres, num salão que cabe 12.000 pessoas; e se enche cada noite. No último dia, em duas reuniões, 185.000 pessoas assistiram à pregação, a maior parte ao ar livre no frio e na chuva. Durante a campanha umas 30.000 pessoas manifestaram seu desejo de receber Cristo como Salvador.

Ao princípio alguns jornais criticaram a campanha ou zombaram dela, mas brevemente mudaram seu tom, reconhecendo que o pregador tinha uma mensagem para o povo.

Qual era o imã que atraiu a tantas pessoas de tôdas as classes? Não foi a eloquência, porque dizem que o pregador não é eloquente e não é um grande pregador. Todos concordaram que a atração era a simplicidade e o poder das suas mensagens. Diversos amigos têm-nos escrito, dizendo que Billy Graham pregava com simplicidade. Alguns dizem que, às vezes, já ouviram melhor apresentação do Evangelho por outros pregadores, mas era a simplicidade e poder da sua pregação que obtiveram tão grande resultado; e também as orações de milhares de crentes na Inglaterra e América do Norte.

Houve tanta concorrência às reuniões do Sr. Graham que duas semanas antes do último dia das pregações, quase todos os ônibus em Londres foram alugados com antecedência para levar o pessoal para ouvir o pregador. O proprietário

duma garage, porém, recusou-se a alugar mais um. Este queixou-se de que quatro dos seus motoristas já se tinham convertido durante a campanha e ele não queria arriscar a sorte de qualquer dos outros!

Um dos chefes comunistas, um bem conhecido orador, converteu-se durante a campanha e agora está declarando sua fé cristã. Disse ele: «O marxismo (ensino comunista) não me deu satisfação ao coração e à mente, mas agora desejo mostrar publicamente que Cristo é a resposta ao comunismo».

Um gatuno, indo para a frente depois da pregação, para confessar sua nova fé em Cristo, disse ao homem que se assentara no banco em frente dêle: «Espere um momento, quero primeiramente devolver-lhe o dinheiro que roubei da sua algibeira». Ambos, o roubado e o roubador, então foram juntos à frente!

Histórias dos Hinos

Carlos Wesley era irmão mais novo de João Wesley, grande pregador e fundador do metodismo. Ajudava seu irmão, pregando, principalmente ao ar livre, mas é mais conhecido como escritor de hinos. Escreveu centenas, muitos sendo compostos enquanto ele andava a cavalo. Chegando em casa costumava correr à sua escrivaninha, e pegando na pena, escrevia o hino que compusera durante a viagem. A escrivaninha é conservada hoje na casa em Londres, onde João Wesley morava durante os últimos anos da vida e onde faleceu.

Muitos dos hinos de Carlos Wesley agora são traduzidos em outros línguas, especialmente o mais popular

de todos «Jesus, Lover of my Soul». Há duas versões na língua portuguesa. Um, em Salmos e Hinos (28) traduzida por D. Sara Kalley, começa: «Ó Amante Salvador, sê Tu meu Amparador». Há outra tradução por Sr. Eduardo Moreira em «Hinos e Cânticos» (número 482) que começa: «O' Amante Divinal, quero para Ti voar». Há diversas músicas, as mais populares sendo «Hollingside» e «Aberystwith» (música galésa).

Contaremos uma bem conhecida história dêste hino.

Durante uma viagem de vapor num grande rio da América do Norte, num Domingo, um crente com bela voz, cantava êste bem conhecido hino, ao pedido dos passageiros. Um dêste, depois, foi ter com o cantor e perguntou-lhe se tinha servido durante a guerra civil no exército do norte. Recebendo resposta afirmativa, perguntou-lhe se tinha servido como sentinelas numa certa noite em certo lugar. Admirado, o cantor recordou, que naquela noite sentiu um pavor terrível, pensando que estava em perigo, e por isso levantou sua voz e cantou o hino «Ó Amante Salvador, sê Tu meu Amparador». Depois de cantar, seu espírito tranqüilizou-se e ele sentiu a paz de Deus no coração. O passageiro, então contou que ele servia no exército do sul, e naquela noite foi mandado sózinho como escoteiro, e no luar vendo uma sentinelas inimiga, levantou seu fuzil para dar-lhe um tiro, quando o soldado levantou sua voz e cantou o hino. Sentiu que não podia atirar, abaixou seu fuzil e foi embora. Mas ele acrescentou: «Tenho lembrado da sua voz e hoje quando ouvi o senhor cantar o mesmo hino, tinha certeza que era o soldado que vi naquela noite. O hino salvou sua vida.»

História das Judeus

(continuação)

Antes de prosseguir na história dos macabeus, contaremos algo dos samaritanos que sofreram a mesma sorte que os judeus. Lemos em 2 Reis 17 que o rei da Assíria levou para o cativeiro grande parte das dez tribos de Israel, deixando poucos para cultivar a terra (721. A. C.). Então o rei enviou povos estrangeiros da Babilônia e outras províncias para povoar Samaria. Estes misturaram-se com os habitantes originais (israelitas), formando um povo mestiço, que depois foram sempre chamados «samaritanos». A religião deles, durante o domínio dos persas, era muito confusa. No reinado de Dário, último rei do império persa, aconteceu que o irmão do Sumo Sacerdote em Jerusalém, Jadua, casou-se com a filha dum oficial persa, chamado Sanbalat. Este irmão, chamado Manassés, ajudava Jadua no ofício sacerdotal. O casamento dum sacerdote com um estrangeiro desagradou ao povo. É bem possível que os judeus se tenham lembrado do caso ocorrido cem anos antes, no tempo de Neemias, porque possuíam o livro com seu nome, que conta como um sacerdote naquele tempo casou com a filha dum estrangeiro, também chamado Sanbalat, e como Neemias disse: «Pelo que o afugentei de mim» (Neem. 13:28). O povo queria obrigar Manassés a divorciar-se de sua mulher. A fim de evitar esta separação, Sanbalat prometeu ao genro que o faria sacerdote no Monte Gerizim, em Samaria. Por este motivo foi encontrar-se com Dário, na véspera da batalha de Issus com Alexandre Magno e seu exército grego-macedônio, a fim de pedir licença para construir um templo no Monte Gerizim, para adorar a Jeová. Mas

Dário foi completamente derrotado e fugiu depois da batalha (333 A.C.). Alexandre então tomou Síria e cercou Tiro, o pôrto de Fenícia, que recusou render-se. O sítio levou sete meses, mas a cidade foi terrivelmente castigada quando tomada. Dois mil cidadãos foram executados e 30.000 vendidos como escravos. Duzentos e cinqüenta anos antes, Ezequiel predissera este castigo (Ezeq.27). Durante o cerco de Tiro, Alexandre chamou os judeus a fim de que enviassem auxiliares e abastecimentos. O Sumo Sacerdote respondeu que os judeus já haviam jurado lealdade aos reis da Pérsia e deviam honrar o juramento. Alexandre enfureceu-se, resolvendo castigá-los depois de tomar Tiro. Já contámos como o Sumo Sacerdote, Jadua, saiu ao seu encontro, com outros sacerdotes, e prometeu a submissão do povo. Disse que fôra avisado por Deus, num sonho, a submeter-se aos gregos.

Mas durante o cerco, Sanbalat, aproveitando a oportunidade, foi a Alexandre levando com ele 7.000 auxiliares; prometeu renunciar seu chefe, Dário, e servir os gregos. Então pediu licença para edificar um templo no Monte Gerizim e nomear seu genro, Manassés, Sumo Sacerdote; e toda a Samaria se submeteria aos gregos. Recebendo o consentimento de Alexandre, foi a Samaria e mandou construir o projetado templo. Completado, foi Manassés feito Sumo Sacerdote. Tal é a origem da religião dos samaritanos.

Agora devemos mostrar por que o Monte Gerizim foi escolhido pelos samaritanos para seu templo e culto. O capítulo 27 de Deuteronômio explica a razão. Moisés dissera ao povo de Israel que, depois de passar o Jordão, e penetrar até aos Montes Gerizim e Ébal (perto um do outro),

seis tribos tinham de subir a um monte e seis ao outro. Os levitas pronunciariam as bênçãos em Gerizim e as maldições em Ebal, e todo o povo tinha que dizer AMÉM depois de cada bênção e cada maldição. Lemos que tudo foi cumprido assim no tempo de Josué (Jos. 8:32). No mesmo capítulo de Deuteronômio, lemos que os israelitas foram mandados fazer um altar no Monte Ebal (monte das maldições) e nêle oferecer sacrifícios.

No tempo de Sanbalat os samaritanos possuíam cópias dos livros de Moisés (o Pentateuco). Reconheciam sómente êstes como a Palavra de Deus e não aceitavam os outros livros do Velho Testamento. Mas a fim de provar que Gerizim era o lugar escolhido por Deus para fazer o altar e templo (e não Jerusalém), a letra foi falsificada: «GERIZIM» em lugar de «EBAL», em Deuteronômio 27:4. Também, depois dos mandamentos em Exodo 20:17, e em Deut. 5:21, foi acrescentado um versículo que manda aos israelitas edificar um altar e sacrificar no Monte Gerizim. Assim os samaritanos afirmam que Jerusalém não era o lugar escolhido por Jeová, porque não é mencionado em sua bíblia, mas sim o Monte Gerizim. Daquele tempo até hoje os samaritanos celebram as festas segundo suas escrituras. Há hoje, ainda, umas famílias de samaritanos que moram em Nablus (outrora Shechem), que possuem os antigos manuscritos do Pentateuco e oferecem sacrifícios a Deus. No número 44 de «Mocidade Cristã» descrevemos a celebração da páscoa no Monte Gerizim, como acontece todos os anos e como tem sido celebrado durante os últimos 2.300 anos. Mas os sacerdotes, quando perguntados, não podiam explicar a significação da festa!

Quando o Senhor conversava com

a mulher samaritana em Sicar, assentado à beira do poço de Jacó (João 4), estavam à base do Monte Gerizim e em vista dêle, quando a mulher disse: «Nossos pais adoraram neste monte e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar». «Este monte» era o Gerizim.

continua

Notas Sobre as Profetas

É costume chamar os primeiros quatro livros de profeciais: «OS PROFETAS MAIORES», e os doze seguintes: «OS PROFETAS MENORES». A palavra «profecia», nas Escrituras, não tem o significado limitado de predizer o futuro. Embora seja sempre assim em uso comum hoje, só ocasionalmente tem êste aspecto na Bíblia. No sentido bíblico, a profecia é a aplicação da Palavra de Deus às circunstâncias atuais ou futuras do povo.

Os Profetas Maiores

ISAÍAS. Profetizou aos judeus, isto é, às duas tribos, entre 760 e 700 A. C. (antes de Cristo). Os reis contemporâneos dêle foram Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias.

É profeta evangelista. Os modernistas afirmam ter havido dois escritores. Esta teoria foi inventada porque é evidente que a primeira parte da profecia foi escrita uns setecentos e tantos anos antes de Cristo. O capítulo 44 descreve a restauração do povo depois do cativeiro, e menciona o nome do rei da Pérsia que libertou os cativos (Is. 44:28 e 45:1), o que aconteceu duzentos anos mais tarde. Por isso foi achado conveniente adiar o escrito dos capítulos 42 até 66 ao menos duzentos anos, para destruir o valor profético do livro. O Evangelho de João (João 12:38 a 41), porém, diz que «O Profeta Isaias» es-

creveu o versículo 9 do capítulo 6 (na primeira parte) e também o vers. 1 do cap. 53 (na segunda parte do livro). Por isso consideramos falsa a teoria modernista. As profecias a respeito do Messias (o Servo fiel de Jeová) provam que o livro é verdadeiramente a Palavra de Deus. No capítulo 13 e versos 19 a 22 lemos da destruição da cidade de Babilônia que aconteceu centenas de anos mais tarde. Os arqueólogos que procuraram vestígios da cidade no século passado descobriram exatamente as condições mencionadas nestes últimos três versículos. O capítulo 23 predisse a destruição do pôrto de Tiro, que aconteceu no tempo de Nabucodonozor 150 anos mais tarde, e, outra vez, no tempo de Alexandre Magno, quatrocentos anos depois da profecia.

JEREMIAS (629 A.C.) Morava em Jerusalém; profetizou ao povo do castigo de Deus, e aconselhou o rei a submeter-se a Nabucodonozor. Por isso, foi perseguido. Foi deixado na cidade depois da sua captura. Avou ao povo contra sua confiança nos egípcios. Foi levado ao Egito contra sua vontade e morreu ali.

LAMENTAÇÕES de JEREMIAS. O livro é uma continuação. Lamenta a triste sorte do povo em linguagem poética; os versículos formam um acróstico, como Salmo 119.

EZEQUIEL. Ezequiel profetizou «junto ao Rio Chebar, estando no meio dos cativos». Era sacerdote e pregou aos judeus no cativeiro. Foi levado cativo no ano 596, com dez mil judeus, onze anos antes da destruição da cidade e do templo. Jeremias ficou em Jerusalém, Daniel morava na cidade de Babilônia, e Ezequiel junto ao Rio Chebar, durante o reinado de Nabucodonozor. Condenou a iniqüidade, especialmente a idolatria; profetizou sobre a destruição

da cidade de Tiro por causa da iniqüidade do rei e seu povo. A última parte da profecia fala da glória futura da cidade de Jerusalém, do templo e de Israel, profecias que ainda se cumprirão.

• **DANIEL** (605 a 534 A.C.). Foi levado cativo por Nabucodonozor quando jovem e morou na Babilônia durante os reinos babilônico e persa. Contém as profecias dos reinos futuros e prediz a data exata da vinda e morte do Messias. Embora profetizado e escrito 500 anos antes de seu cumprimento, aconteceu exatamente quando e como predito.

(continua)

Correspondência

Pergunta 1. Um irmão quer nossa opinião sobre um novo partido político, chamado cívico-evangélico. Dizem que é um «partido de cunho evangélico».

Resposta. Nossa opinião é que o Evangelho não combina com a política. A palavra «cunho» deve ser escrita «cunha»; a ponta sendo o Evangelho e o cabo grosso a política, que servirá para dividir a igreja.

No capítulo 5 de Gálatas e vers. 22 lemos dos «frutos do Espírito». São produtos do Evangelho. Os vers. 19, 20 e 21 contêm «as obras da carne». Ao menos oito destas obras são manifestas na política.

Pergunta 2. Um leitor deseja saber quando é que um grupo de crenças num local constitui-se numa Igreja, no sentido bíblico.

Resposta. Devemos explicar primeiramente a palavra «Igreja». O Senhor Jesus, e, depois, os Apóstolos empregaram uma palavra grega, em uso comum: «ekklesia». Às vezes é escrita «eclésia», de onde derivamos a palavra «eclesiástico» (pertencendo

à Igreja). Cinco séculos antes de Cristo era o título dum corpo governante em Atenas, capital da Grécia; consistia nas pessoas eleitas pelos gregos. Depois daquele tempo foi o título empregado pelos gregos para assembléias políticas. O sentido, em português, é «convocação», ou um povo chamado. Entre os cristãos denotava a assembléia cristã. Em primeiro lugar é um povo chamado por Deus (1 Cor. 1:9), mas também chamado ou convocado para se reunir. A Igreja tem o aspecto universal e local. As quatro funções principais são enumeradas em Atos 2:48: «Perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partilhar do pão, e nas orações». São como os quatro esteios da Casa de Deus. A evangelização, embora importante, não é mencionada. E por duas razões: primeira, porque é mais serviço individual, e, segunda, tem de ser realizada fora da Igreja, no mundo perdido.

No caso dum grupo de crentes num local que tem reuniões sómente para evangelizar ou escola dominical, o título «Igreja» não tem cabimento, embora todos os crentes individualmente pertençam à Igreja de Cristo (universal).

Pergunta 3. (pelo mesmo leitor) Se uma reunião administrava pode ser considerada como essencial para constituir uma Igreja.

Resposta. «Uma reunião administrativa» não é mencionada nas Escrituras, nem quanto ao título, nem quanto à idéia. Não há dúvida, porém, que os anciãos costumavam reunir-se, de vez em quando, para dirigir os negócios da igreja local, mas não sabemos se dariam um nome especial a seus ajuntamentos. Talvez falassem das «palestras dos presbíteros». O modo de governar a Igreja é explicado nas epístolas, mas não é uma das verdades funda-

mentais da Casa de Deus. Devemos seguir os pormenores das Escrituras. Moisés foi instruído, quanto à Casa de Deus (o Tabernáculo) «Olha, faze tudo conforme o modelo que no Monte se te mostrou» (Heb. 8:5). Para nós, «o Monte» são as epístolas, ou «a doutrina dos apóstolos».

Pergunta 4. Temos de responder a perguntas do tipo modernista. A primeira: Se é verdade que Deus criou dois tipos de homem, isto é, outra raça além de Adão e Eva?

Resposta. Já respondemos a esta pergunta no número 27 de «Mocidade Cristã». A teoria foi inventada a fim de explicar certas supostas dificuldades, mas, em nossa explicação, dada há nove anos, mostrámos que, em vez de resolver as dificuldades, serve sómente para levantar outras piores. Os peritos de etnologia (ciência relacionada com as raças humanas) concordam que todas as raças da família humana são descendentes dum par primitivo. Teólogos modernos inventam e acreditam nas fantasias desta qualidade. As Escrituras dizem em Romanos 5 que por UM entrou o pecado e a morte, e este «um» era Adão. Este versículo refere-se à raça humana.

Ouvimos dizer que há jovens «protestantes» despachando diversas verdades bíblicas ao mundo da fábula. Já despediram o Diabo, mas há pessoas que querem saber quem está dirigindo seus negócios ainda, com tanta energia e êxito.

EXPEDIENTE

•MOCIDADE CRISTÃ• é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.